



CORPO E DEFICIÊNCIA EM CENA: para além da inclusão e da acessibilidade

– Apresentação –

Alex Beigui¹
(organizador)

Deficiência pode ser entendida como antonímia de eficiência. E normalmente é assim que ela é vista, resultando talvez daí a maior parte dos preconceitos que recaem sobre o corpo com deficiência e sua historicidade ontológica. Contudo, podemos também entender deficiência a partir do seu prefixo e inserir uma ênfase no vocábulo, pensando-o como (de)eficiência, discurso paralelo ao (de)colonial, introduzindo-o no espaço de (des)construção e de (de)centramento dos lugares instituídos e institucionalizadores de normalidade ou de sociabilidade normativa.

Aponta-se, assim, para a necessidade de revisitar termos, de corrigir equívocos, de criar campos alternativos para pensar questões urgentes e que merecem nossa atenção, não porque pairam nos modismos em voga, mas porque se fazem imprescindíveis, sobretudo, por nos revelar como parte de uma consciência sempre em expansão e em permanente mutação diante das evidências.

Uma luta nunca acaba com a conquista de direitos, mas com a labuta diária sobre nossas condutas. A partir do momento em que adentramos no espaço de valoração, de inclusão e de acessibilidade, negado, por anos, às pessoas com deficiência, novos níveis de percepção sobre os corpos se revelam. Não há como retroceder de uma



consciência adquirida. Nesse sentido, quando proponho pensar a questão “... *para além da inclusão e da acessibilidade*” não significa abrir mão desse espaço, mas expandi-lo. Enquanto vivermos em um país altamente comprometido com políticas de governo e absolutamente negligente com as políticas de Estado que garantam, minimamente, a cultura e a arte como um direito inalienável, não teremos a emancipação nem dos corpos com deficiência nem daqueles sem deficiência.

Ao propor o *Dossiê Corpos Diferenciados: para além da inclusão e da acessibilidade* à **Revista Ephemera**, o fiz com o intuito de aderir à abertura de um espaço reparador dessa lacuna e ausência de Estado que configura parte da realidade dos(es) artistas(es) e produtores(es) da cultura brasileira. Espaço mínimo talvez, lugar de fala incipiente talvez, lidos por poucos(ques) talvez, com certo limite de alcance estreito talvez....

Todavia, é sempre necessário reivindicar a legitimidade do “talvez” como sendo um lugar extremamente necessário de resistência ao maior, talvez, de todos os propósitos, a saber: o do reexistente, a partir de experiências singulares no mundo, não-outorgadas, muitas vezes silenciadas a partir das normas de aceitação impostas, sentenciadas e conformadas. Urge fazer brotar o “talvez” que sustenta todas as possibilidades e que não exclui nenhuma, absolutamente nenhuma possibilidade de expressão. Acredito assim que só (de)formando a forma seremos capazes de sentir ângulos mais intensos de conectividade. A única saída política do ser é a estetização da vida. Tornemo-nos estéticos não por adoração à perfectibilidade da forma, mas porque temos a obrigação de inferir sons, ritmos, ruídos intervalos e, sobretudo, (de)svios na sufocante realidade.

No primeiro artigo, intitulado *Mergulho no Espectro Azul: práticas somático-performativas no mar com meu filho autista* de Ciane Fernandes, a artista-pesquisadora descortina corajosamente o véu de sua intimidade, apontando caminhos onde a técnica e a sua longa experiência com o corpo, com a performance e com a somática criam possibilidades de relação e de lidar com o filho com autismo, o Lucio Di Franco. O mergulho e o mar surgem como alternativa de uma imersão no espaço sem molduras e enquadramentos.



No artigo de Carlos Eduardo Oliveira do Carmo (Edu O.), *Fissuras pós-abissais em espaços demarcados pela bipedia compulsória na dança*, o autor traz à luz reflexão crítica acerca da urgente e necessária discussão sobre os parâmetros e padrões de normalidade impostos pela tradição da Dança, a partir, sobretudo, do que denomina “bidedia compulsória”, inserindo aspectos que limitam e impedem pensar o corpo em diferentes trajetórias.

Em *Companhia Giradança: experiência estética na diversidade e complexidade dos artistas com e sem deficiência*, o coreógrafo Anderson Leão explana sobre a trajetória da bem-sucedida Companhia Giradança, apontando o pioneirismo do Grupo, bem como as dificuldades de consolidação e internacionalização de uma linguagem fora dos parâmetros do “corpo eficiente”. Anderson Leão nos brinda também com a entrevista concedida à revista que abre o Dossiê.

Andreas Pagne, em seu texto *On Disability Culture, Performing Arts, Social Theatre and the Practice of Beauty*, contribui com aspectos da sociabilidade estética, fornecendo-nos parâmetros para situar e pensar o contexto internacional das Artes Cênicas e dos Estudos sobre Deficiência, articulando teorias e produções artísticas. No instigante artigo *O lugar de onde se vê: a inclusão da pessoa com deficiência visual no teatro*, o centro motor da discussão é o espectador com deficiência. Para tanto, as autoras Thayna Cristine Rodrigues Silva e Margarete Catarina Ancelmo de Souza partem de experiências realizadas na Argentina e no Brasil, problematizando sobre o próprio espaço do teatro, ampliando assim o campo da recepção e da fruição para além do olhar.

Em *Desestabilizar Saberes: a indisciplina favorecendo a ampliação do acesso às artes cênicas*, Marcia Berselli e Marta Isaacsson exploram intensamente o conceito de indisciplina enquanto dispositivo de flexibilização dos limites do teatro entre pessoas com e sem deficiência. Patrícia Avila Ragazzon e Célida Salume Mendonça no artigo *Múltiplas Diferenças: o teatro entre pessoas com deficiência intelectual* toca em questão pouco abordada no campo da arte praticada com/por pessoas com deficiência intelectual; a partir do projeto *Ligados pela Arte* (2014), o escrito aponta para a importância de um campo ético e de liberdade para além das técnicas de representação.



Carlos Alberto Ferreira da Silva, em seu artigo *A abordagem do princípio somático-performativo Flâneur Cego com mães de pessoas com deficiência na APAE de Senhor do Bonfim - BA*, introduz para além das diversas abordagens que envolvem o conceito de flâneur, o princípio somático-performativo do flâneur Cego, marcando importante ação/reflexão acerca de uma questão premente: quem cuida de quem cuida? Por fim, as três vozes femininas Mônica Ferreira Gaspar de Oliveira, Alice Stefania e Lidia Olinto descrevem a trajetória do bem-sucedido espetáculo *O Improvável Amor de Lulú Malagueta e Mc Limonada* a partir de detalhada leitura crítica das fases do processo de criação cênico-dramatúrgica, apontando as tensões entre processo coletivo, processo colaborativo e teatro performativo.

Esse Dossiê é dedicado a todas, todes e todos que lutam pela abertura, valorização e autonomia das pessoas com deficiência nos diferentes espaços e processo de criação em arte.

¹ **Alex Beigui de Paiva Cavalcante** é artista pesquisador. Pós-doutorado em Dramaturgia pela *Université de Lausanne* (Bolsista/CAPES) e Doutor em Letras (Dramaturgia Comparada - Literatura Brasileira) pela *Universidade de São Paulo* (Bolsista-FAPESP). Atua como Professor Permanente do *Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas* da *Universidade Federal de Ouro Preto* (PPGAC/UFOP). Líder do Grupo de Pesquisa no CNPq: *DRAMATIC - Grupo de Pesquisa em Dramaturgia: Teorias, Intermédias e Cena cultural*. Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-0955-948X>. E-mail: beiguialex@gmail.com.

